

DOMINGAS, “MEIO ESCRAVA MEIO AMA, LOUCA PARA SER LIVRE”: UMA REPRESENTAÇÃO DA PERMANÊNCIA HISTÓRICA DA FIGURA FEMININA NA AMAZÔNIA ATRAVÉS DO ROMANCE *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM

Arcângelo da Silva Ferreira (UEA)¹
Thais Stephani de Oliveira Leal (UEA)²

RESUMO: O presente artigo aborda a representação da mulher indígena dentro da obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, perpassando por uma discussão sobre o cenário amazônico no século XX, mais precisamente na cidade de Manaus, juntamente com o crescimento da capital e a exploração das mulheres, tendo como referência o personagem Domingas. o objetivo principal é demonstrar como, ao longo da vida da personagem, as questões de gênero, raça/etnia afetaram suas relações afetivas com outros indivíduos a sua volta e colaboraram com a manutenção de servidão e invisibilidade. Ao tratar da presença indígena feminina na literatura de expressão amazônica, é imprescindível ressaltar a representação da mulher indígena na obra *Dois Irmãos*, mostrando de que forma as mulheres eram inseridas no processo de modernização através do aprendizado da língua, religião e costumes do colonizador.

PALAVRAS CHAVE: Mulher; Amazônia; Domingas; Milton Hatoum; Gênero.

ABSTRACT: This article approaches the indigenous woman's representation within the work *Dois Irmãos*, by Milton Hatoum, by going through a discussion on the amazonian scenario in the twentieth-century, more precisely in the city of Manaus, along with the main capital's development and women exploration, having the character Domingas as reference. The main objective is to demonstrate how, over the course of the character's life, matters of gender, race/ethnicity affected his loving relationships to other individuals around him and corroborated to maintain servitude and invisibility. By treating the indigenous feminine presence within Literature of amazonian expression, it is imperative to emphasize the indigenous woman's representation within the work *Dois Irmãos*, showing which way women were inserted in the process of modernization through learning the colonizer's language, religion and tradition.

KEYWORDS: Woman; Amazon; Domingas; Milton Hatoum; Gender.

INTRODUÇÃO

A palavra “cultura” expressa complexidade, significados e contextos que podem diferir entre determinado indivíduo ou sociedade. Eagleton (2011) afirma que a etimologia da palavra cultura tem suas raízes centradas na relação que o homem faz com a natureza através de seus espaços e construções temporais, podendo ser aplicada nos mais variados cenários da história moderna. Dessa forma, o emprego da palavra cultura não deve ser limitado a um conceito elitista para definir classes e estruturas do pensar do homem, segregando-os como seres

¹ Doutor em História Social da Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST/UFPA), mestre em História Social da Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), licenciado em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), professor do curso de História do CESP/UEA.

² Graduanda em História no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atualmente é bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas.

“culturados” ou “aculturados”. Muito menos tomando o ponto de sua origem ou evolução como base para tais especulações. Essa reflexão, de certa forma, apresenta veredas para a discussão que se avizinha.

Quando nos debruçamos, mais acuradamente, sobre as personagens inseridas na obra *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, torna-se imprescindível destacar, nessa escrita criativa do autor, seus diálogos com determinados conceitos antropológicos como, por exemplo, a acepção de cultura. O escritor amazonense, podemos dizer, adota esse conceito como o define, por sinal, Laraia (2001) em *Cultura, um Conceito Antropológico*.

A cultura, nessa perspectiva, não pode ser avaliada apenas sob um significado simples, mas sim sob uma construção feita ao longo da trajetória de suas personagens, as quais se caracterizam pelo registro de suas ações e expressões que se dão de maneiras diferentes através do tempo do enunciado de seus enredos. De certa forma, é o que propomos analisar neste artigo a partir de nossa observação sobre as peculiaridades de Domingas, uma das personagens mais significativas do romance *Dois Irmãos*.³

Na referida obra literária, o espaço ficcional montado por Hatoum é habitado por imigrantes libaneses que se instalaram na cidade de Manaus e foram se misturando aos nativos da Terra, negociando suas representações identitárias como forma de construção alternativa às falas do mundo. Hatoum já afirmou inúmeras vezes em seus depoimentos, comumente publicados nos mass media que a memória é a deusa tutelar da literatura. Nessa perspectiva, é a memória que entretece o enredo de *Dois Irmãos*. Dentre as memórias acessadas por Nael, a narrativa que estrutura este romance, se desembaraça junto às lembranças de Domingas, mãe do narrador personagem e empregada da casa. O narrador está à procura de sua origem, a procura da identidade do pai, que oscila entre os gêmeos da família.

Já sua mãe, Domingas, mostra-se como mulher simples, amazônica, órfã de pai e mãe que se encontrou primeiramente em um colégio de freiras que a “resgataram” depois da morte do pai, e em seguida se vê com dois estranhos em uma casa onde serviu a vida toda⁴.

Dentro deste contexto a servidão de Domingas desenvolve-se a partir da definição de raça/etnia, onde na sua condição de indígena e órfã, ela é levada à cidade, para que a ela seja feito o “favor” de sair da aldeia para ser devidamente educada e inserida na sociedade.

³ *Dois irmãos* é o segundo romance do autor, publicado no ano de 2000, foi traduzido para doze idiomas e adaptado para televisão, teatro e quadrinhos. Vencedor do prêmio Jabuti em 2001, a obra é reconhecida nacional e internacionalmente. *Dois Irmãos* também faturou o prêmio Eisner de melhor adaptação de outra mídia durante a San Diego Comic-Con 2016, nos Estados Unidos.

⁴ Inclusive, se recorrermos a etimologia da palavra Domingas iremos verificar que significa: aquela que é, serve ao Senhor.

Durante a obra, podemos notar que Domingas é importante para o funcionamento da casa e para os irmãos. A personagem também consegue tecer uma relação com a patroa e com o gêmeo mais velho, que vira seu filho posticho, mas sua condição de indígena a deixa submissa a vontade dos patrões, principalmente da patroa que a coloca somente como igual na hora da reza.

Domingas se mostra como uma personagem típica da região amazônica e carrega consigo a representatividade das mulheres que eram oprimidas, principalmente por serem “índias” que deveriam ser “civilizadas” por seus patrões.

Partindo desse pensamento, abordar através da literatura pensamentos e situações, assim como vivências de diferentes olhares (diferente dos tradicionalmente apresentados) em espaços de divulgação, oportunizam novos olhares sobre o outro e ajudam na construção de pensamentos autônomos. Desse modo, o que se busca com a realização deste estudo é que fatores como raça/etnia e classe social deixem de ser marcadores de estereótipos e de subjugação.

1. ALGUNS ASPECTOS DO CONTEÚDO HISTÓRICO INSCRITO NO ROMANCE DOIS IRMÃOS

O romance *Dois Irmãos* apresenta uma Manaus do século XX, entre as décadas de 1910 e 1970. O autor explora seus surtos de crescimento e estagnação ao mesmo tempo que explana o cotidiano de uma família de migrantes libaneses juntamente com seus dramas familiares, econômicos, sua religião e relação de autoridade e domínio sobre a vida de seus adjuntos.

Nesse contexto de início de século, a cidade cresce de forma rápida, com a extensão do porto que recebia a produção de borracha da região e a transportava para outros lugares. Dentro desse borbulho de crescimento também cresce e prospera a família dos libaneses Halim e Zana.

Como tema central, a obra traz o ódio de dois irmãos gêmeos que pertencem a essa família, Yaqub e Omar. O narrador-personagem é Nael, filho de Domingas e de um dos gêmeos. Ele apresenta-se como um observador de todas as relações de vingança, amor e ódio vividos na casa.

A narrativa *Dois Irmãos* é centrada na busca da identidade do pai do narrador-protagonista, Nael, o que remonta aos antigos mitos de origem de seu pai em meio aos gêmeos. Halim, pai dos gêmeos, tenta a todo custo conciliar os inúmeros atritos existentes entre os filhos e a predileção de Zana (mãe dos irmãos e esposa de Halim) pelo mais novo, Omar. Para tentar

solucionar o atrito existente entre eles, Halim manda Yaqub para o exterior, este só retorna para Manaus após cinco anos.

A narrativa não apresenta cronologia linear, sendo realizados recuos e avanços no espaço da história. O leitor é gradativamente situado pelo narrador-personagem, que realiza construções e desconstruções dos fatos narrados, fatos que fecham ou abrem lacunas que muitas vezes não são resolvidas no enredo.

Ao longo da obra, a história de Manaus é transfigurada pela escrita criativa de Milton Hatoum, assim como a trajetória da família de Zana e Halim. Conforme a cidade se desenvolve ao longo do tempo, com a chegada de migrantes do interior e as tensões militares, a partir do ano de 1964, também os conflitos familiares se acirram entre os irmãos gêmeos, Omar e Yaqub. A cidade, no tempo do enunciado do romance, é caracterizada por inúmeros conflitos internos, essencialmente provocados por problemas socioeconômicas e políticos. Alegoricamente, Zana não consegue reconciliar seus dois filhos e o conflitos presentes na família se instiga mais ainda.

O conflito de Yaqub e Omar toma seu ápice quando a própria Zana tenta a aproximação dos irmãos por meio de um negócio de uma construtora, porém esse plano não dá certo, Yaqub vai para Manaus coletar informações para desenvolver o projeto da construtora e não fala nada ao irmão. Omar, ao descobrir isso, fica irado e agride fisicamente Yaqub que fica hospitalizado. O trecho adiante é emblemático, portanto:

O sonho de Zana, desfeito: ver os filhos juntos, numa harmonia impossível. Ela lembrava o seu plano, minucioso e sagaz. "Meus filhos iam abrir uma construtora, o Caçula ia ter uma ocupação, um trabalho, eu tinha certeza..." Chamava minha mãe para perto dela, dizia: "O Omar perdeu a cabeça, foi traído pelo irmão. Sei de tudo, Domingas... Yaqub se reuniu com aquele indiano, fez tudo escondido, ignorou o meu Caçula, estragou tudo..." (HATOUM, 2000. p. 235).

Rochiram, amigo de Yaqub e dono da construtora pede a Rânia que venda a casa para pagar as dívidas. A casa é transformada em comércio e a Nael é cedido um pequeno quadrado nos fundos.

Nael, durante o desenvolvimento da obra, se sente injustiçado pela falta de tempo para os estudos e prende-se à ideia de descobrir qual dos gêmeos é seu pai. Durante todo esse tempo ele vai não apenas descrevendo as pessoas que o cercam como também nos mostra o contexto no qual ele e a mãe estão inseridos.

Deste modo o jogo textual feito por Nael fará com que ele perceba os personagens e as relações familiares e servis construídas ao longo de trinta anos, quando quase todos eles já se encontram mortos. Essa costura temporal proporciona ao leitor descobertas e mistérios ao mesmo tempo.

2. SECUNDARISMO E MULHER INDÍGENA

Segundo o dicionário, secundário significa: que é de segunda ordem ou ocupa o segundo lugar em ordem, graduação ou qualidade, relativamente a outrem ou outro: desempenhar papel secundário na peça. Segundo Spivak (2010), termos como este tentam descrever as camadas mais baixas da sociedade que foram construídas de maneira específica na exclusão de mercados, da representação de política e da possibilidade de se tornarem membros plenos dentro de uma estrutura social dominante.

Quando direcionamos essa discussão às mulheres indígenas, se torna importante falar sobre a obra *Dois Irmãos* que reflete sobre o processo de modernização de Manaus e de que maneira as mulheres indígenas fizeram parte desse processo: arrancadas de suas comunidades de origem e inseridas na “sociedade” para ter uma vida mais “digna”. Tais mulheres eram catequizadas e escolarizadas com apenas um intuito: o de se tornarem dignas de servir “famílias direitas”, uma vez que a cultura indígena era tida como inferior em relação aos padrões eurocêntricos predominantes.

Durante a transição pelo qual passou a sociedade na Amazônia, em todas elas esteve presente o preconceito étnico que sempre se encontrava articulado aos processos culturais e sociais. Essa característica é, talvez, uma forma de legitimar a exploração da mão de obra indígena e cabocla, no trabalho doméstico e nos demais tipos de trabalhos braçais existentes, inclusive o industrial. Nesse contexto, a mulher indígena é inserida no trabalho doméstico e em condições semi – servis. (ARAÚJO e TORRES, 2008, p.2)

E é nessa realidade que se encontra Domingas que foi arrancada de sua comunidade, assim como outras indígenas que serviam as famílias abastadas na época, pois a mulher indígena era vista como inferior. Portanto era de obrigação dessas famílias “adotar” tais “criaturas” para que pudessem ser devidamente “socializadas”. O que se encontrava por trás dessa atitude era apenas um pretexto para que pudessem ser oferecidas a essas famílias como um serviço sem remuneração.

Quando nos deparamos com isto, torna-se possível afirmar que a obra de Milton Hatoum possui em suas linhas, uma crítica social profunda, no que se refere a miscigenação cultural na Amazônia. Deste modo, o entre-lugar formado pelos seus personagens, em especial Domingas, ocorre como forma de resistência, tendo como objetivo evidenciar a grande diferença cultural de povos que tentam conviver em um novo espaço de desenvolvimento urbano, onde infelizmente, o espaço privilegia alguns, deixando outros à margem do desenvolvimento. Nesse

caso os povos nativos da região ficam à margem do crescimento da sociedade, e a mulher indígena, quando inserida, ocupa um lugar de inferioridade, semi-servil. (BRAGA, 2019)

As mulheres indígenas que ficavam de alguma forma em suas comunidades eram marginalizadas e vistas como mulheres não civilizadas, como selvagens. Em *Dois Irmãos* a representação da mulher amazônica colonizada se debruça na figura de Domingas, a figura secundária tanto nas próprias escolhas quanto na própria vida e na vida de seu filho.

3. AS PECULIARIDADES DA PERSONAGEM DOMINGAS: FICÇÃO E HISTÓRIA ACERCA DA MULHER INDÍGENA NO ESPAÇO URBANO AMAZÔNICO ⁵

A chegada de Domingas a casa de Halim nos mostra aspectos importantes no processo de desterritorialização que ocorria com muitos órfãos na região. No caso de Domingas ele ocorreu em dois momentos: o primeiro no regime disciplinar da instituição religiosa, onde passou a infância sendo “educada” e no limiar do quintal de Halim e Zana, onde passou a viver depois que foi “dada” a eles. Marques e Marques (2017) apontam que, a imposição de saberes se faz presente através da imposição cultural e religiosa, que aparece ao longo da trama. Tanto as “Irmãzinhas de Jesus” quanto Zana e Halim achavam estar resgatando a “pobre” menina e a civilizando. Essa forma de pensar torna natural a superioridade de Zana sobre Domingas. A empregada deveria servir a patroa e a casa para que pudesse agradecer a família por não “crescer no fim do mundo”.

Essa cunhantã... Por Deus, alguma coisa aconteceu com ela...’. Como a tua mãe deu trabalho no orfanato! Era rebelde, queria voltar para aquela aldeia, no rio dela... Ia crescer sozinha, lá no fim do mundo? Então a irmã Damasceno me ofereceu a pequena, eu aceitei. (HATOUM, 2000, p. 250)

Mas Domingas não se sentia resgatada pelas Irmãzinhas de Jesus. Ela jamais teria abandonado o irmão ou sua pequena comunidade. Muito pelo contrário, ela não teria feito nada daquilo depois da morte do pai, como é representado no trecho a seguir:

Chorava quando se lembrava do pai, dos bichinhos de madeira que fazia para ela, das cantigas que cantava para os filhos. E chorava de raiva. Nunca mais ia ver o irmão, nunca pôde voltar para Jurubaxi. As freiras não deixavam, ninguém podia sair do orfanato. As irmãs vigiavam o tempo todo. Espiava as alunas da Escola Normal

⁵ No artigo “Laços de Parentescos: Ficção e Antropologia”, elaborado por Milton Hatoum, publicado na revista *Raízes da Amazônia*, ano 1, nº 1, v. 1, publicada, originalmente, no ano de 2005, através do INPA, conta que a composição da personagem Domingas, de certa forma, surgiu a partir de uma viagem que o referido escritor fez ao alto Rio Negro, mais especificamente a São Gabriel da Cachoeira, onde o literato percebeu a realidade de mulheres indígenas. Paralelo a isso, a composição dessa personagem gira em torno das experiências de Milton Hatoum quando jovem, pois ele presenciou a permanência de mulheres indígenas trabalhando como empregadas domésticas, em residências de famílias ricas, na cidade de Manaus.

passeando na praça, livres, em bandos... namorando. Dava vontade de fugir. Duas internas, as mais velhas, conseguiram escapar de madrugada: pularam o muro dos fundos, caíram no beco Simón Bolívar e sumiram no matagal. Foram corajosas. Domingas também pensou em fugir, mas as irmãs perceberam, Deus vai castigar, diziam. O fedor dos banheiros, o cheiro de creolina, das roupas suadas e gosmentas das religiosas. Domingas não aguentava mais. (HATOUM, 2000, p. 76).

Suas tarefas no orfanato consistiam em lavar banheiros e executar muitos serviços que eram considerados por ela humilhantes.

As duas foram até a porta e Domingas ficou sozinha, contente, livre daquela carrancuda. Se tivesse ficado no orfanato, ia passar a vida limpando privada, lavando anáguas, costurando. Detestava o orfanato e nunca visitou as Irmãzinhas de Jesus. (HATOUM, 2000, p. 76).

A vida no colégio das freiras não era fácil, por isso a pequena se sentiu feliz quando se viu sozinha na casa de Zana, longe delas. Porém, sua condição servil não mudou, mesmo longe do colégio a Domingas eram confiados todos os afazeres domésticos: “Na casa da Zana o trabalho era parecido, mas tinha mais liberdade... Rezava quando queria, podia falar, discordar, e tinha o canto dela. Viu os gêmeos nascerem, cuidou do Yaqub...” (HATOUM, 2000, p. 77). Em meio a esse contexto podemos ver que Domingas, por mais que ficasse na casa e servisse seus patrões também trazia consigo seus próprios dramas, fazendo com que a personagem evoque a simbologia da mulher indígena que foi levada pelas circunstâncias da vida a deixar seu lar, seu irmão e o mundo que conhecia e se aventurar na cidade barulhenta que a deixava aflita, sendo obrigada a aprender a ler, escrever e rezar rezas cristãs. Por mais que todos a volta dissessem que aquilo era para o seu bem, não era isso que Domingas queria para si. Ela gostava de esculpir os bichinhos de madeira que haviam marcado a sua infância, gostava de cantar o *nheengatu*, a música cantada pelo seu pai quando ela era criança, e usar ervas medicinais.

Durante a leitura da obra, podemos questionar a importância da personagem não apenas para o enredo, mas também para a realidade na qual viviam muitas mulheres amazônicas. Na obra, Domingas é a representação da mulher que foi privada de sua liberdade desde a infância e se limitou a viver a vida que outros escolheram para ela: “‘Louca para ser livre’. Palavras mortas. Ninguém se liberta só com palavras. Ela ficou aqui na casa, sonhando com uma liberdade sempre adiada.” (HATOUM, 2000, p. 67)

4. ZANA X DOMINGAS

É válido ressaltar que a dominação de Zana não se deu de forma explícita, mas foi trabalhada pelo autor de maneira metafórica, através da descrição do seu lugar de habitação

Domingas, a “cunhantã” mirrada, meio escrava, meio ama, “louca para ser livre”, como ela me disse certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade”. (HATOUM, 2000, p.67).

Com essa descrição, o autor acaba enfatizando, por meio dessa personagem, as relações de poder que existiam naquela época, em que a própria Domingas sabia de seu processo de dominação, porém não tinha coragem nem conhecimento suficiente para sair dessa condição e agir de forma precisa para reverter sua qualidade de dominada, já que não adianta apenas ter consciência de sua dominação para ser livre. Torna-se importante que, além do conhecimento de sua condição, Domingas saiba como transformar esse dualismo.

O espaço destinado a Domingas e ao seu filho Nael na casa dos patrões, o quartinho dos fundos, expressa não só o lugar de ambos na casa, expressa também a identidade social imposta e amplamente desvalorizada dos dois personagens, o seu lugar subalterno na família e na ordem do discurso. Zana é totalmente o oposto de Domingas, ela é descrita como uma mulher extremamente forte, dominadora e sensual. Já Domingas, surge como uma mulher explorada socialmente, pobre e silenciada, ela representa a narrativa de mulheres nativas brutalmente exploradas, executando seu trabalho fielmente até a exaustão. Sua forma de vida evidencia a forma como a elite amazonense tratava, e provavelmente ainda trate, seus subordinados.

Zana é a dona da casa, dos filhos, do marido, da filha e, conseqüentemente, de Domingas e Nael, a mulher libanesa e dominante não apenas em sua casa, mas na vida de todos que a cercam. Só aceita Domingas como igual na hora da reza. Aqui, o quesito religioso parece aproximar as duas mulheres que apresentam naturezas distintas, “a empregada e a patroa”.

“Uma menina mirrada, que chegou com a cabeça cheia de piolhos e rezas cristãs”, lembrou Halim. “Andava descalça e tomava bênção da gente. Parecia uma menina de boas maneiras e bom humor: nem melancólica, nem apresentada. Durante um tempinho, ela nos deu um trabalho danado, mas Zana gostou dela. As duas rezavam juntas as orações que uma aprendeu em Biblos e a outra no orfanato das freiras, aqui em Manaus.” Halim sorriu ao comentar a aproximação da esposa com a índia. “O que a religião é capaz de fazer”, ele disse. “Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa.”. (HATOUM, 2000, p. 64-65).

Essa aproximação patroa/empregada fazia com que Zana confiasse em Domingas a ponto de deixar Yaqub a seus cuidados, mas o elo de igualdade acabava aí. Nael, filho de Domingas, era visto como filho de “ninguém” pela patroa como expressa o trecho em que Zana fala a Nael sobre seu nascimento: “Quando tu nasceste, eu perguntei: E agora, nós vamos aturar mais um filho de ninguém? Halim se aborreceu, disse que tu era alguém, filho da casa...” (HATOUM, 2000, p. 250)

A subserviência de Domingas a Zana também pode ser explicada a partir do ponto de vista religioso. Segundo Batista e Saraiva (2018), a partir da suposta conversão dos indígenas havia um processo muito grande de cobrança sobre as mulheres indígenas no sentido de se comportarem de acordo com um modelo preestabelecido pela sociedade e pela própria igreja. Para que elas pudessem ser vistas e aceitas dentro da camada social ela precisavam se tornar servas dóceis e esta é uma característica que marca Domingas, pois a mesma precisou ser catequizada e alfabetizada para se enquadrar na categoria de boa índia. As encarregadas desse papel são as Irmãzinhas de Jesus (as freiras do convento): “um pequeno milagre desses que servem para a família e as gerações vindouras, Domingas serviu, e só não serviu mais porque a vi morrer” (HATOUM, 2006, p. 48).

Para Marques e Marques (2017) Domingas se torna refém de seus patrões e dos filhos dos seus patrões, ela serve, cuida de todos na casa, dos filhos de Zana e do próprio filho. Ela é acolhida, mas desprezada ao mesmo tempo. De sua patroa ela recebe acolhimento ao mesmo tempo que lhe é tirada a possibilidade de ser ouvida ou considerada, de ter seu sofrimento traduzido pela patroa como melancolia.

“Na velhice que poderia ter sido menos melancólica, ela [Zana] repetiu isso várias vezes a Domingas, sua escrava fiel, e a mim, sem me olhar, sem se importar com a minha presença. Na verdade, para Zana eu só existia como rastro dos filhos dela” (HATOUM, 2000, p. 35).

A mãe dominadora, proprietária, soberana contrapõe a figura da empregada, agregada e submissa que deve servir a vida toda em troca de abrigo e alimento. Segundo Cury (2002, p. 315), “como tantas outras empregadas, tão típica do contexto social brasileiro. Domingas vive uma vida de servidão, entre a fronteira mal definida da sujeição e do afeto”. Essa característica torna-se explícita na hora da morte de Domingas, quando, cansada de seus afazeres ela simplesmente deita em sua rede e morre. A patroa, ao perceber a morte da empregada mostra o lado afetivo da relação:

Depois, a voz de Zana chamando Domingas, três, quatro gritos que vinham do alto da casa, e em seguida um barulho na escada, os passos cada vez mais próximos, na sala, na cozinha, o ruído de folhas no quintal, os olhos assustados de Zana no rosto de olhos fechados. Ela chacoalhou a rede, e, de joelhos, abraçou Domingas. (HATOUM, 2000, p. 244).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar a literatura como um espaço que supera tempo e guarda ações humanas que são capazes de influenciar futuras gerações podendo se tornar uma expressão

social transformadora de futuras gerações que reflete anseios e incômodos de um povo através de seus personagens e de suas histórias.

Para tanto, a análise realizada na obra de Milton Hatoum não se caracteriza apenas por determinada passagem de tempo. A obra transcende seu olhar abrangendo não apenas uma família, mas sim toda uma sociedade em constante conflito no que diz respeito às culturas que nela estão são inseridas.

Estudar tais obras através de novos olhares, no caso sob o olhar do colonizado e não do colonizador, mostra-se de grande necessidade, uma vez que esses novos olhares refletem um tempo de formação e transformação de uma coletividade, uma situação na qual grupos menos abastados da sociedade manauara eram excluídos da modernização que ali chegava. Portanto, revela uma permanência histórica, secular e desumana exploração dos povos originários da Amazônia e, por extensão, de seus descendentes.

Como recuperar esse legado é a questão que se tem pretendido resolver nos últimos anos. O pensamento decolonial tem sido uma ferramenta importante nesse sentido. Primeiro como forma de compreensão em questão das bases da construção de subjugação dos povos colonizados, discutindo, inclusive, sobre a condição de invisibilidade em que as mulheres foram inseridas nesse contexto, e foi o que buscamos discutir nesse artigo, portanto.

Nesse sentido, o trabalho de Hatoum contribui com o propósito de, principalmente evidenciar a condição de subjugação das mulheres indígenas, demonstrando a servidão à qual foram submetidas e, ao mesmo tempo, construindo uma personalidade para essa personagem, que revela ao mesmo tempo que esconde o descontentamento dessa mulher indígena em relação ao que lhe é imposto em decorrência de seu gênero, classe social e raça. Essas relações assimétricas foram e continuam sendo convenientemente veladas no âmbito social, sendo a literatura um espaço possível para que se possa dar a devida atenção àqueles que têm suas vozes veladas pela história oficial, dando-lhes visibilidade sistematicamente negada pelos demais espaços de discussão.

O importante é perceber que a literatura permite uma releitura da sociedade em que se vive e que esta sociedade pode, mudando seus paradigmas, mudar o foco de seus enredos literários, pois, quanto mais ideias excludentes e preconceituosas fizerem parte da realidade humana, tanto mais estarão presentes nos contextos literários sendo expostas através de palavras e personagens.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Wagner dos Reis Marques; TORRES, Iraíldes Caldas. Trajetória de Vida e de Trabalho de Mulheres Indígenas em Manaus. *Fazendo Gênero 8 - Corpo Violência e Poder*. Florianópolis, 25 a 28 de Agosto de 2008.

BATISTA, Nádia Grings; SARAIVA, Luis Junior Costa. *Domingas: (In)Visibilidade X Resistência Da Mulher Indígena Na Obra Dois Irmãos, De Milton Hatoum*. Nova Revista Amazônica - Volume Vi - Número Especial - Dezembro 2018- Issn: 2318-1346. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/338806058_DOMINGAS_INVISIBILIDADE_X_RESISTENCIA_DA_MULHER_INDIGENA_NA_OBRA_DOIS_IRMAOS_DE_MILTON_HATOU. Acesso em: 14 ago.2021.

BRAGA, Jose Meiry Soares. **Mulheres Subalternas na Narrativa de Milton Hatoum: Domingas e Florita, uma Análise Comparada**. *Revista Humanidades e Inovação* v.6, n. 4 - 2019. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiPuOXz9oHzAhXFq5UCHW5_A-AQFnoECAIQAAQ&url=https%3A%2F%2Frevista.unitins.br%2Findex.php%2Fhumanidades_einovacao%2Farticle%2Fview%2F837%2F897&usg=AOvVaw22n38plBhNvZwTGlhteX1a.

Acesso em: 15 set 2021.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Imigrantes e Agregadas: Personagens Femininas na Ficção de Milton Hatoum. In: DUARTE, Constância *et alli* (orgs). *Gênero e representações na literatura brasileira*. Coleção Mulher e Literatura, v. 2. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2002, p.305-318.

EAGLETON, Terry. *A Ideia de Cultura*. Tradução Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

LARAIA, Roque de Barros, 1932. *Cultura: um Conceito Antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 2001.

MARQUES, Ângela Maria Salgueiro; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Um Rosto para Domingas: Hospitalidade e Reconhecimento na Criação Narrativa de uma Identidade Feminina em Dois Irmãos, de Milton Hatoum**. *IPOTESI, JUIZ DE FORA*, v.21, n.1, p.46-63, jan./jun. 2017. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjLjfqSiPyAhXJqJUCHUYLBbkQFnoECAMQAQ&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufjf.br%2Findex.php%2Fipotesi%2Farticle%2Fview%2F19432%2F14706&usg=AOvVaw3F8q9dtBzK-NYTSPC3U5e>. Acesso em: 14 ago.2021.

SPIVAK, Gaiatri. Subaltern Talk, interview with the editors. In: LANDRY, Donna; MacLEAN, Gerald (eds.). *The Spivak Reader*. London: Routledge, 1996, p.287-308.

Recebido em: 28/09/2021

Aprovado em: 19/01/2022

Publicado em: 29/04/2022